

Lugar: como desprogramar uma sinagoga

Tamara Crespim

Orientação: Prof. Dr. João Sodré e Prof. Gustavo Delonero (Escola da Cidade).

Pesquisa: Ensaio desenvolvido para a disciplina eletiva Narrativas de Projeto na Escola da Cidade em 2020.

Este ensaio é uma reflexão sobre os múltiplos entendimentos do “ser judeu” contemporâneo, tomando o termo utilizado pelo filósofo austríaco-brasileiro Vilém Flusser (1920-1991). Configura-se aqui um espaço catalisador das diversas vertentes sobre a compreensão da condição existencial judaica e suas implicações no mundo material; pretende-se ainda, ressaltar o entendimento do **ser judeu** enquanto ser histórico, e distanciá-lo de ente temporal. Sendo assim, o objetivo é trazer à tona as diversas maneiras de se entender e de se reconhecer judeu dentro de uma cultura díspar e multifacetada.

Parte-se, primeiramente, da centralidade fundamental que o **espaço sinagoga** possui na vida comunitária, religiosa, tradicional e cultural judaica, compreendendo a sinagoga (*Beit Haknesset*) não apenas como uma casa de rezas, mas também um lugar de estudos e centro comunitário. Procura-se tensionar, portanto, a pluralidade dos grupos judaicos dentro da própria comunidade — desde ultraortodoxos até progressistas — tendo sempre presente o conceito de “sinagoga”. Para finalizar, é necessário ressaltar que esse ensaio busca traçar maneiras positivas e afirmativas de reconhecer-se judeu em um contexto de diáspora.

LUGAR: how to deprogram a synagogue

This essay is a reflection on the various interpretations of “being Jewish” in today’s world, borrowing the term from the Austrian-Brazilian philosopher Vilém Flusser (1920-1991). It is designed to underline the notion of the **Jewish people** as historical beings and to differentiate it from a temporal entity, by creating a stimulating space for many aspects of understanding the Jewish existential condition and its ramifications in the material world. As a result, the goal is to highlight the numerous ways of identifying and recognizing oneself as a Jewish person in the context of a diverse and multidimensional culture. It begins with an awareness of the **synagogue** (*Beit Haknesset*) as a place of study and community, as well as the basic importance of its space in the Jewish communal, religious, traditional, and cultural life. Overall, this essay will try to highlight the diversity of Jewish groups within the community — from ultra-Orthodox to progressive — while always keeping the concept of “synagogue” in mind. Lastly, it is necessary to emphasize that this essay seeks to outline positive and affirmative ways of recognizing oneself as Jewish in a diaspora context.

LUGAR: cómo desprogramar una sinagoga

Este ensayo es una reflexión sobre las múltiples interpretaciones del “ser judío” contemporáneo, a partir del término utilizado por el filósofo austro-brasileño Vilém Flusser (1920-1991). Se configura aquí un espacio catalizador de los diversos aspectos de la comprensión de la condición existencial judía y de sus implicaciones en el mundo material; también pretende destacar la comprensión del **ser judío** como ser histórico, y distanciarlo de una entidad temporal. Así, el objetivo es sacar a la luz las distintas formas de entender y reconocerse como judío dentro de una cultura dispar y polifacética. Parte, en primer lugar, de la centralidad fundamental que tiene el espacio de la **sinagoga** (*Beit Haknesset*) en la vida comunitaria, religiosa, tradicional y cultural judía, entendiéndola no sólo como casa de oración, sino también como lugar de estudio y centro comunitario. Por este espacio, se intenta tensar la pluralidad de grupos judíos dentro de la propia comunidad — desde los ultra ortodoxos hasta los progresistas — teniendo siempre presente el concepto de “sinagoga”. Para concluir, es necesario subrayar que este ensayo pretende trazar formas positivas y afirmativas de reconocerse como judío en un contexto de diáspora.

LUGAR

[substantivo masculino]

1. espaço, independente do que possa conter;
2. espaço ocupado por um corpo; [...]
4. espaço onde habitualmente se realizam determinadas atividades; [...].

(MICHAELIS, 2021, s.p.).

Rabi Tarfon¹ (Pirkei Avot, 2:16, ca. séc. I) costumava dizer que: "Não lhe é exigido que complete a tarefa, mas não será livre para escapar dela". Essa abordagem, de uma constante elaboração, é o que impossibilita o esgotamento de sentidos sobre o **ser judeu** por meio de uma imagem conclusiva.

As incessantes tentativas de materialização das inúmeras formas identitárias judaicas não são atuais. Ao longo de séculos, diversas foram as gerações de judeus e judias, pensadoras e pensadores, artistas, filósofos e rabinos que buscaram atualizações judaicas condizentes às suas épocas de manifestação e formalização. E, tal busca, tanto ideológica quanto sensitiva, tampouco pode se dizer que chegou ao fim. Sendo assim, é importante ressaltar que foi a partir dessa mesma procura existencial, condicionada por seu tempo, que eu, como judia, procurei compreender o **espaço sagrado da sinagoga enquanto um lugar essencial para a vida comunitária judaica**.

Sinagoga, ou melhor, *Beit Haknesset*, pode simplesmente ser traduzido como "casa da reza", "casa de estudos" e/ou "casa da comunidade", apresentando dessa forma, suas múltiplas funcionalidades. Tendo isso em vista, é importante ressaltar que, assim como sabido pela **tradição**, uma sinagoga nunca deverá ser destruída, pois tal destruição representaria a destruição da comunidade ali presente. De acordo com essa lógica, tal desmonte só poderia ocorrer caso a comunidade ali presente se mude, instalando-se em outra localidade, e levando consigo sua essência religiosa, ou seja, sua sinagoga. Esse conceito existencial demonstra que a raiz comunitária gira em torno deste espaço sagrado, da possibilidade imaterial de seus símbolos

e significados e, concomitantemente, da materialização física das expressões ritualísticas no espaço religioso.

Com esse conceito no horizonte, ao procurar compreender quais seriam as manifestações arquitetônicas que melhor representariam uma arquitetura essencialmente judaica, visualizei o **espaço sinagoga** como elemento central dessa discussão. Dessa forma, reconheço que uma sinagoga não é moldada pelo seu exterior e sim formalizada pelo seu espaço interno — já que devido aos mais de 3 mil anos de diáspora judaica, as diversas propostas estéticas construtivas são nitidamente caracterizadas pela localidade de origem da comunidade ali presente.

Justifica-se, dessa maneira, a viabilidade da construção de sinagogas em qualquer parte do mundo, em quaisquer ornamentos e decoração externa, contanto que possua em seu interior as peças primordiais para as manifestações da vida ritualística: *Aron Hakodesh*², *Bimá*³, *Esh*⁴, *Makom*⁵, com a regra que o *Aron Hakodesh* esteja voltado em direção à cidade sagrada de Jerusalém.

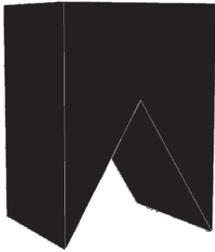
A disposição desse layout interno — respeitando as convenções — caracteriza as diversas manifestações judaicas, legitimando inúmeras formas concretas de suas expressões. Ou seja, é a partir da própria composição interna do espaço sinagoga que se compreende a que vertente religiosa e/ou cultural tal comunidade ali presente faz questão de expressar e manifestar.

Para ilustrar tais afirmações trago alguns exemplos: em espaços mais formais e segregados (com diferenciação entre os gêneros feminino e masculino) entende-se que a comunidade ali poderia ser ortodoxa e/ou ultraortodoxa; e em composições mais amplas, onde entre o *Makom* e a *Bimá* há um grande espaço, entende-se que a comunidade ali presente talvez seja mais festiva, relacionando-se com vertentes talmúdicas do chassidismo europeu; em arranjos nos quais a *Bimá* é seguida por uma série de cadeiras antes de chegar ao *Aron Hakodesh*, entende-se a comunidade ali presente como tradicional-ortodoxa, isso devido a um certo formalismo na hora da reza; já em composições circulares entende-se a comunidade como liberal e/ou progressista, não havendo na maioria das vezes, segregação entre os gêneros.

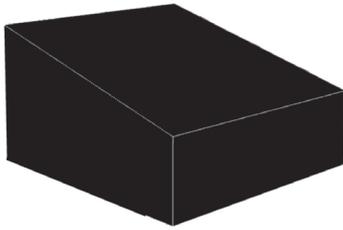
Para concluir, a proposta apresentada é uma tentativa de concretização de simples objetos — **armários, mesas e cadeiras** — em arquiteturas moldáveis, reprogramáveis no espaço e reajustadas constantemente. Para assim, caminharem lado a lado em uma contínua e constante elaboração dos múltiplos sentidos do **ser judeu** — dando significados verdadeiros a manifestações judaicas concretas, representantes de uma época sem perder seu elo histórico.

Vilém Flusser (2014, p.90), filósofo e pensador judeu, nos lembra que "a nossa condição judaica é inseparável da nossa condição humana". Dessa forma, um judeu vive essencialmente de maneira judaica, e mesmo com influências externas, os saberes sobre o pensar judaico nunca poderiam ou deveriam ser dele desvinculado. A tentativa aqui é entender que o mesmo se repete em seus espaços arquitetônicos. A arquitetura judaica convive, influencia e vai de encontro aos saberes, conhecimentos e reconhecimentos judaicos dentro da materialidade transcendental que propõe esse mutável pensamento ritualístico. E, paradoxalmente, é necessário mencionar que "os portadores originais do judaísmo continuam ativos: somos nós." (FLUSSER, 2014, p.86).

Em resumo: CORTE, COLE E MONTE SUA PRÓPRIA SINAGOGA!



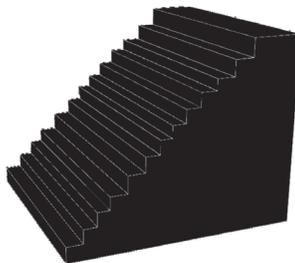
[1]



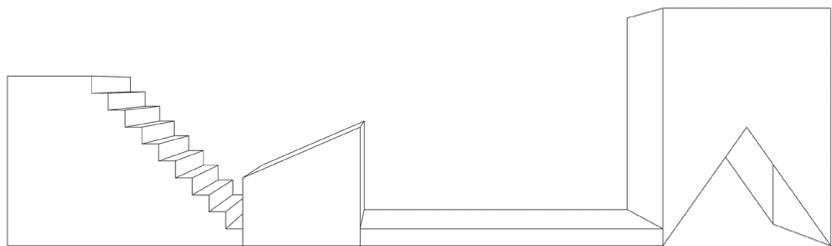
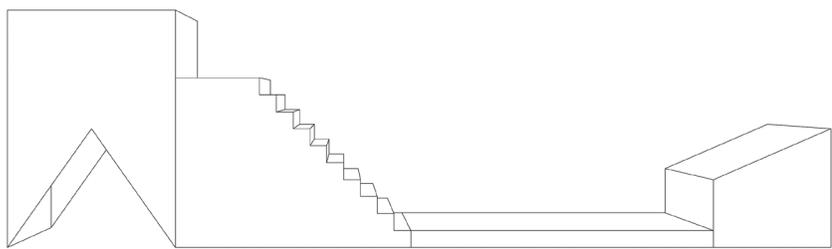
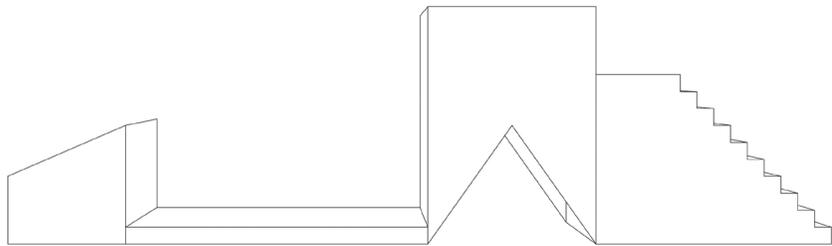
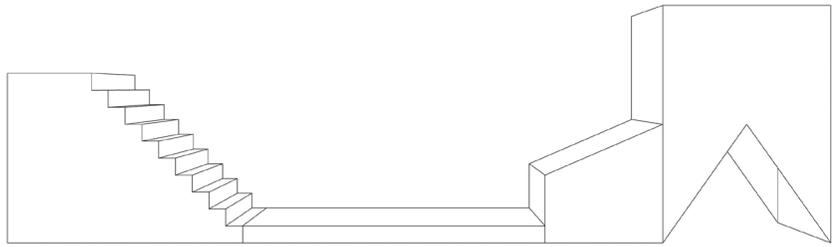
[2]



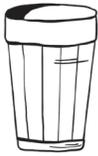
[3]



[4]



FAÇA SUA PRÓPRIA BÚSSOLA



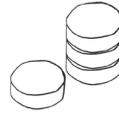
[copo com água]



[papel higiênico]



[agulha]



[imã]

1° PASSO

[esfregue o imã na agulha no mesmo sentido por cerca de 2 minutos]

2° PASSO

[recorte um pedaço do papel higiênico e jogue no copo com água até o topo]



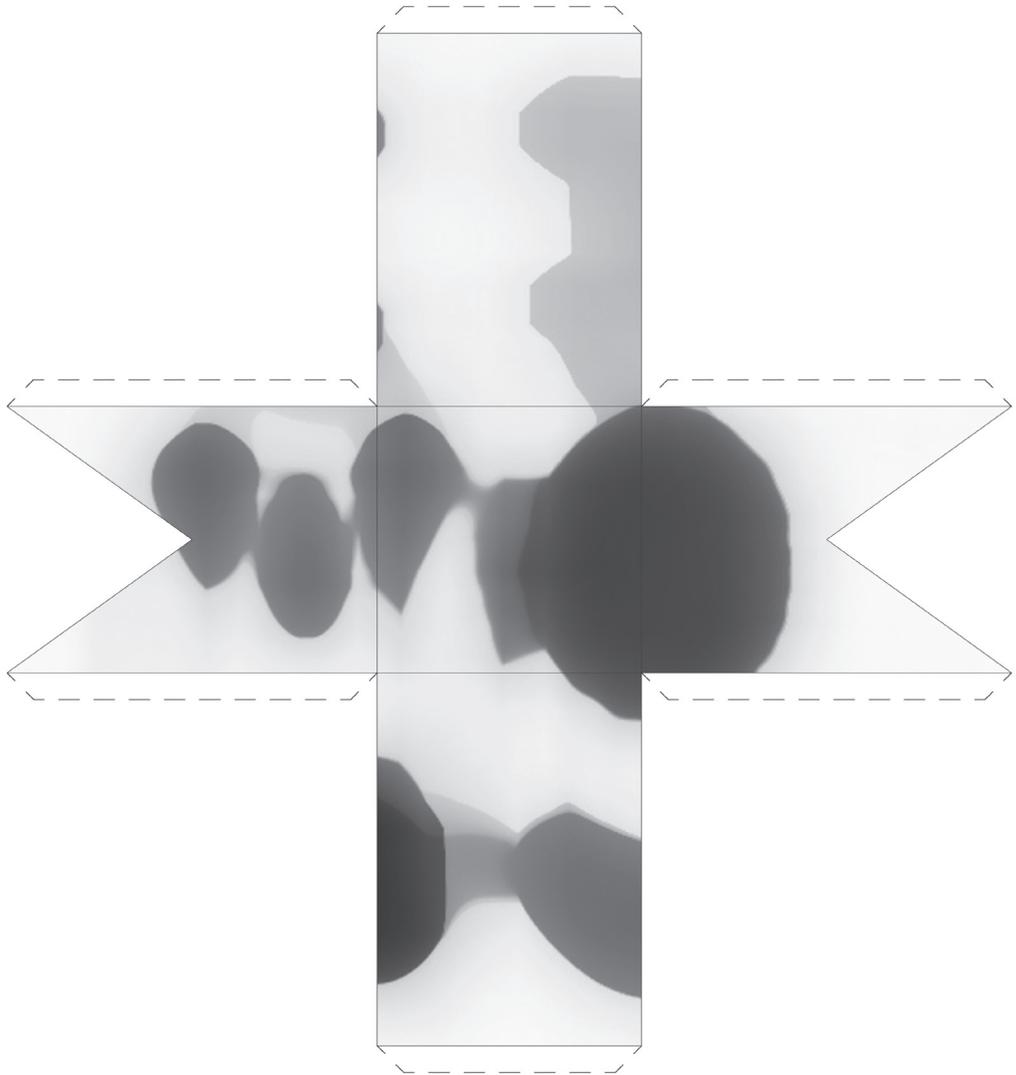
3° PASSO

[após esfregar a agulha com o imã coloque a agulha sobre do papel]

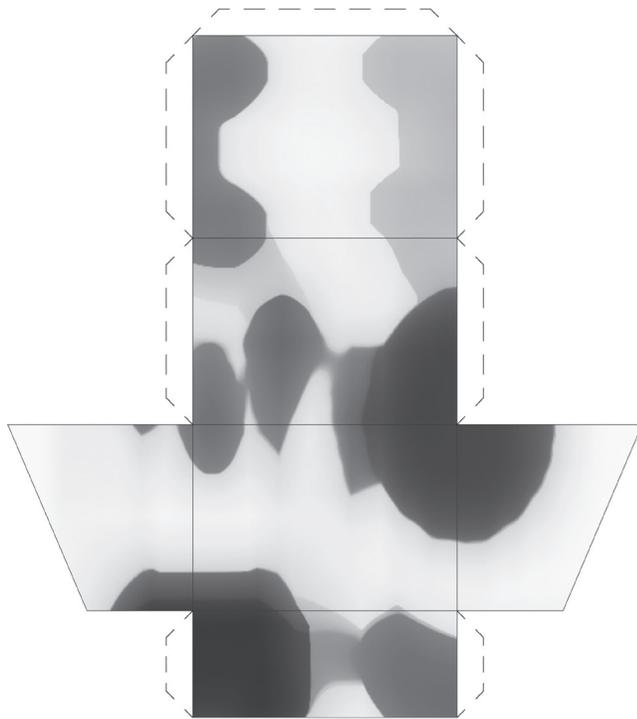
4° PASSO

[espere o papel afundar e veja a agulha de deslocar]





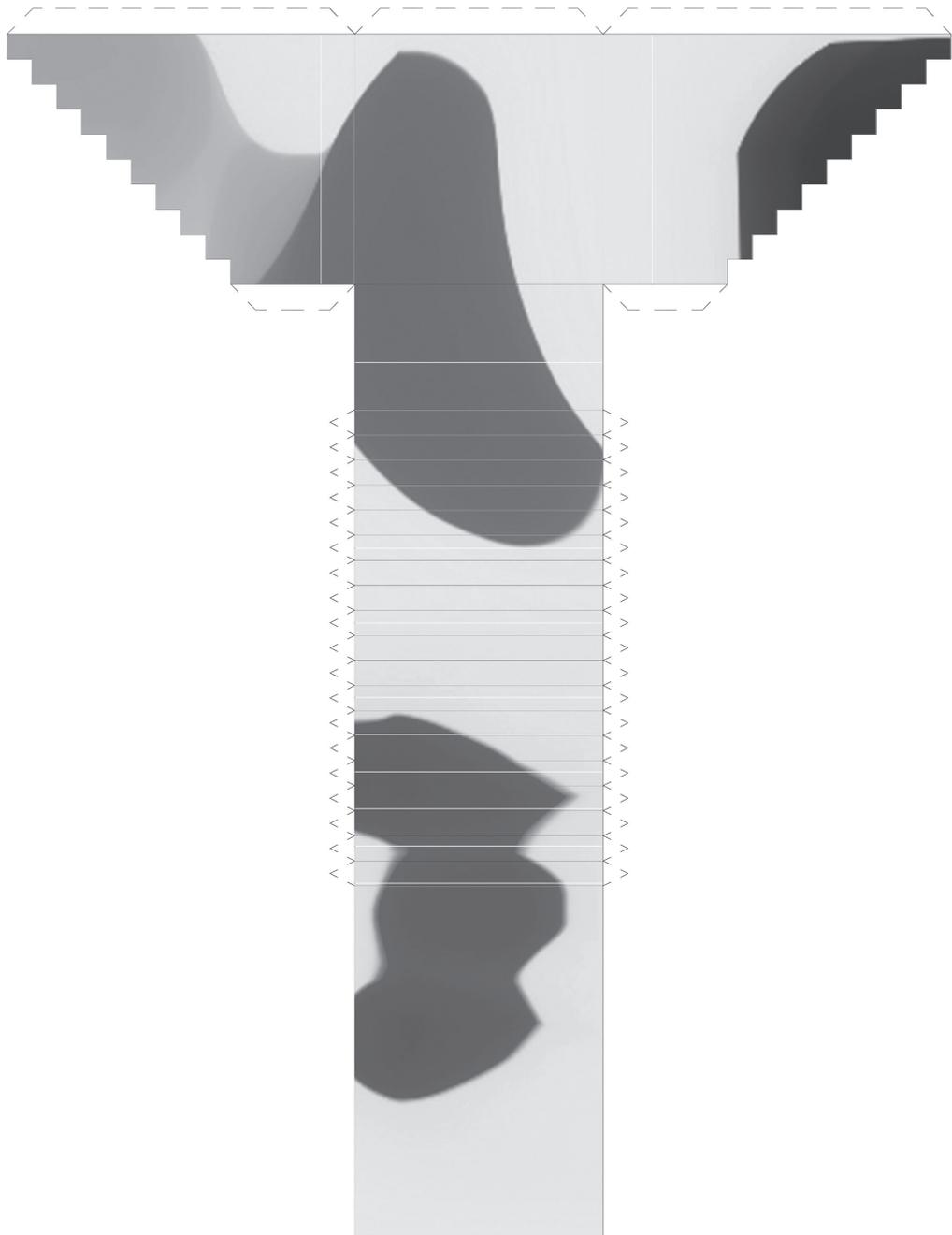
ARON HAKODESH
(arca sagrada)



Бимс
(mesa)



ESTR
(fogo)





NOTAS

1. Rabi Tarfon era membro da terceira geração de estudiosos da Mishnah (livro de redação na forma escrita da tradição oral judaica) e viveu no período entre a destruição do Segundo Templo e a queda de Betar (70 d.C.-117 d.C.).
2. *Aron Hakodesh* significa "armário sagrado" em hebraico (tradução nossa). É um espaço sagrado de armazenamento da Torá (Antigo Testamento).
3. *Bimá* significa "arca" em hebraico (tradução nossa). É uma mesa utilizada para leitura da Torá e outros livros sagrados durante o ofício.
4. *Esh* significa "chama celestial" em hebraico (tradução nossa).
5. *Makom* significa, por excelência, "espaço" em hebraico (tradução nossa). Mas que neste ensaio é trabalhado enquanto "espaço para sentar-se", já que há partes na cadência da reza em que o devoto deve realizar sentado, sendo desrespeitoso sentar-se no chão.
6. Segundo a tradição religiosa, como forma de lembrança da destruição do Segundo Templo de Jerusalém (ano 70 d.C.), todas as sinagogas devem estar voltadas para a cidade sagrada de Jerusalém e, sendo assim, para o *Kotel Hamaaravi* (Muro das Lamentações).
7. Judaísmo chassídico é um movimento surgido no interior do judaísmo ortodoxo que promove a espiritualidade através do misticismo e da cabalá enquanto aspectos fundamentais da fé judaica.

REFERÊNCIAS

- FLUSSER, Vilém. **Ser judeu**. São Paulo: Annablume, 2014.
- MANGUEL, Alberto. A musa da impossibilidade. **Revista Serrote**, São Paulo, n.6, p.33-47, nov. 2010.
- MICHAELIS. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/lugar/>. Acesso em: maio 2021.
- OZ, Amós; OZ-SALZBERGER, Fania. **Judeus e as palavras**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- TARFON, Rabi. Pirkei Avot, 2:16. Disponível em: https://www.sefaria.org/Pirkei_Avot. Acesso em: maio 2021.

SOBRE A AUTORA

Aluna de graduação do curso de Arquitetura e Urbanismo da Escola da Cidade.

tcrespin1999@gmail.com